

# TUDO ESTÁ EM CHAMAS:

- os 80 anos da -  
**Noite dos Cristais**

MATERIAL EDUCATIVO

museu do  
**Holocausto**  
CURITIBA | BR



Tudo está em chamas, irmãos! Tudo está em chamas!  
Oh, nossa pobre cidade, irmãos, está em chamas!  
Ventos diabólicos, cheios de raiva,  
Raiva e destruição, cinzas e destroços;  
Mais fortes à medida que as chamas crescem -  
Tudo à nossa volta está queimando!  
E vocês permanecem em pé, observando  
Fúteis e de braços cruzados  
E permanecem em pé, observando -  
Enquanto nossa cidade queima!

---

Es brent! Briderlech, es brent!  
Oy, undzer orem shtetl nebech brent.  
Beizin vintn mit yirgozn,  
Raysen, brechn un tseblozn  
Shtarker noch di vilde flamen,  
Alts arum shoin brent!  
Un ir shteit un kukt azoy zich  
Mit farleygte hent!  
Un ir shteit un kukt azoy zich  
Undzer shtetl brent.

- “Es brent” foi escrito em idish em 1938 por Mordechai Gebirtig (1878 – 1943), judeu polonês, após um pogrom em um shtetl (aldeia) na Polônia.  
Lerner, Silvia Rosa Nossek.  
A música como memória de um drama: Holocausto.  
Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

# Índice

Texto de abertura	03	Heinz Cohen	11
Os párias da sociedade	04	Henny Nossig	12
O que foi a Kristallnacht?	05	Ernesto Strauss	13
Legislação Antissemita na Alemanha entre-Guerras	06	Intolerância Religiosa no Brasil	14
1938 - As leis de imigração no Brasil	08	Legendas e Créditos das Fotos	15
Peter Ulrich Heynemann	10	Créditos do material	16



01

Muito já se estudou, se escreveu e se publicou sobre a Noite dos Cristais. A racionalização deste evento, mais do que um marco simbólico, tem sido cada vez mais importante para compreender o Holocausto e seu ineditismo – e aí sim transformá-lo num alerta, e não num precedente. Mais do que ritualizar por meio de velas e cerimônias, é torná-lo útil para as novas gerações.

O propósito deste material não é reescrever o que já foi escrito. Um dos objetivos do Museu do Holocausto de Curitiba é usar o genocídio como uma ferramenta educativa, dando a estes eventos também um olhar contemporâneo. A Noite dos Cristais foi um momento de acirramento da agressividade e violência do Antissemitismo nazista. Um teste que verificou a adesão ou a disposição à cumplicidade de parte da população, e

um prelúdio para a Shoá.

Passados 80 anos, crimes de ódio continuam tragicamente atuais. Eles nos impelem à reflexão sobre esse acontecimento passado, mas tão presente. Nos obrigam a levantar temas como xenofobia, violência, intolerância religiosa e direitos humanos – pontos fundamentais deste material pedagógico. Como sabemos, não se trata apenas de reverenciar as vítimas, e sim de usar a tragédia como aprendizado nas nossas vidas hoje. O Holocausto é um tema educativo. Significa lutar contra todo e qualquer tipo de ódio e preconceito por meio de um episódio que deve ser inserido na memória coletiva de todo o planeta.

■ **Carlos Reiss**  
Coordenador-geral do  
Museu do Holocausto | Curitiba - BR



# Os párias da **sociedade**

**E**m 7 de novembro de 1938, Herschel Grynszpan atirou num funcionário da embaixada alemã em Paris, acontecimento utilizado pelo regime nazista como pretexto para a Noite dos Cristais. Qual lógica levou judeus a serem punidos coletivamente por um ato de um único indivíduo? Como este episódio pode fornecer chaves de entendimento para situações da atualidade?

Os judeus sob domínio nazista eram encarados como párias - aquele que está dentro de uma sociedade, mas ao mesmo tempo é dela excluído. Uma característica que acompanha as figurações deste sujeito na história é que os indivíduos assim classificados são vistos como exemplares de um grupo. Isto permite que todos sejam responsabilizados pelas ações de uma única pessoa, uma vez que ela os representaria.

O combate ao pária altera também a relação entre indivíduo e coletivo no grupo dominante. Em nome da suposta proteção, indivíduos são capazes de cometer ações que não fariam individualmente, ou que não considerariam corretas.

Esse conceito auxilia a explicar, sem justificar, a reação de boa parte da população que participou ou silenciou-se diante da Noite dos Cristais. Grynszpan representava, para eles, todos os judeus que, como párias, deveriam ser combatidos pelos arianos, legitimando ações que em outras situações não aceitariam.

18 de agosto de 2018, Pacaraima, fronteira entre Brasil e Venezuela. Após um assalto atribuído a venezuelanos, brasileiros atacaram um acampamento de imigrantes. Agressões, expulsões e queima de pertences foram algumas das cenas de horror. O assalto em Roraima não tem nenhuma relação com o assassinato de Rath. No entanto, em ambos os casos, uma ação realizada por um indivíduo serviu de pretexto para o grupo pária ser atacado. E, tal como na Noite dos Cristais, a legitimação social permitiu que indivíduos realizassem ações que, em outro contexto, considerariam moralmente condenáveis. Em algumas reportagens, entrevistados envolvidos nos ataques sequer pediam anonimato, ou seja, não se viam como culpados

por algo.

Não se trata, de modo algum, de afirmar que Pacaraima presenciou uma nova Shoá; porém, o genocídio não era um fato dado em 1938. O que havia eram mecanismos de discriminação, cujas permanências assombram as grandes massas de excluídos das sociedades ainda hoje. Os párias podem ser judeus na Alemanha nazista, venezuelanos imigrando para o Brasil; jovens negros e pobres cujas mortes são tratadas como efeitos colaterais, mulheres vítimas de feminicídios, LGBTI's agredidos como se não fossem humanos etc. Uma característica em comum nestes

sujeitos é que são vistos primeiro como exemplares de uma categoria, e somente depois como indivíduos.

Com a derrota do nazismo, lamentavelmente, os mecanismos geradores de exclusões não foram extirpados das sociedades contemporâneas. A história não se repete; as experiências do passado, entretanto, fornecem informações, conceitos e teorias que ajudam no entendimento e enfrentamento do presente. Que não somente as situações de párias, mas que as estruturas que geram párias sejam expostas e combatidas. É por isso que o estudo e a educação sobre a Shoá permanecem relevantes.



03

# O que foi a **KRISTALLNACHT?**

Na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, tropas de assalto das SS em trajes civis e voluntários levaram a cabo uma campanha coordenada de assassinatos, incêndios propositais e saques contra a população judaica na Alemanha, na Áustria e nos recém-anexados sudetos da antiga Tchecoslováquia. Neste massacre, perto de mil sinagogas foram destruídas, 7.500 lojas vandalizadas, 91 judeus assassinados e cerca de trinta mil judeus presos em campos de concentração.

Os nazistas alegaram que as ocorrências desta noite fatídica – que ficou conhecida como Kristallnacht, ou “Noite dos Cristais”, pelos cacos de vidro espalhados nas ruas e calçadas – tinham sido

uma “explosão espontânea de ira popular” em resposta ao assassinato de Ernst Von Rath, terceiro secretário da embaixada alemã em Paris. Von Rath morreu em 9 de novembro, dois dias depois de ser baleado por Herschel Grynszpan, um jovem judeu de 17 anos, de origem polonesa. Grynszpan agiu em desespero ao saber que sua família se encontrava entre os 17 mil judeus deportados da Alemanha pela Gestapo e abandonados na fronteira com a Polônia.

Imediatamente após o massacre, os judeus presos, com idades entre 16 e 65 anos, foram enviados, em grande parte, para os campos de concentração de Dachau, Sachsenhausen e Buchenwald, na Alemanha. Lá, foram submetidos



a maus tratos brutais, e estima-se que cerca de 2.500 tenham sido mortos. Nos três meses após a detenção, a maioria dos sobreviventes foi autorizada a voltar aos seus lares depois de assinar uma declaração que os obrigava a emigrar.

Em 12 de novembro de 1938, numa reunião de altos funcionários nazistas, foi decidido multar os judeus com uma “indenização” no valor de um bilhão de marcos alemães para cobrir os danos causados durante o massacre perpetrado contra eles. Nas semanas e meses seguintes, uma onda de medidas discriminatórias e repressivas sobreveio aos desafortunados judeus da Alemanha e da Áustria, privando-os de meios de subsistência e dos últimos vestígios que ainda restavam de seus direitos legais. Os judeus foram relegados ao nível de párias sociais.

A Noite dos Cristais foi, para

muitos judeus alemães, um ponto de virada. Até então, a legislação antissemita atacava seus direitos políticos, sociais e econômicos. A vida cotidiana, no entanto, ainda corria com certo ar de normalidade. Este evento mostrou ao comando do regime nazista que os cinco anos de propaganda, censura e terrorismo de Estado, entre outros mecanismos, haviam surtido efeito. A população alemã que se mostrava um pouco reticente quanto a um antissemitismo mais brutal no início da década de 1930, mesmo tendo votado no nazismo, estava disposta a tolerar, quando não participar, de ações mais incisivas.

- Retirado de: Rozett, Robert; Milgram, Avraham. O Holocausto – As perguntas mais frequentes. Jerusalém: Yad Vashem, 2012. Adaptado.

# Legislação antissemita na Alemanha entre-Guerras

Os judeus correspondiam a menos de 1% da população da Alemanha durante a República de Weimar. O perfil profissional destes indivíduos estava diretamente ligado às áreas do Jornalismo, do Direito, da Medicina e do Comércio, tornando-os alvos fáceis de ataques violentos. A maioria pertencia à classe média, mas uma parte significativa dos estrangeiros trabalhava como operários, artesãos ou caixeiros-viajantes.

Ao chegarem ao poder, em 1933, os líderes nazistas iniciaram uma perseguição com mais de 400 decretos e regulamentações, de escopo nacional, que restringiam aspectos da vida pública e privada. A primeira lei antissemita de importância limitou os direitos dos judeus, de outros servidores públicos e dos funcionários “não confiáveis politicamente”, os quais deveriam ser despedidos de seus cargos no governo alemão.

Em abril de 1933, foi promulgada

uma proposta que restringia o número de alunos judeus nas escolas e universidades do país. Em nível nacional, o governo nazista revogou a licença dos contadores judeus; reduziu o acesso à educação, criando cotas para ingresso de estudantes “não arianos”; e no início de 1934, proibiu os atores judeus de atuar no teatro ou no cinema.

Em setembro de 1935, os líderes nazistas anunciaram novas leis que institucionalizavam várias das teorias racistas, conhecidas como “Leis de Nuremberg”. Elas excluíram os judeus da cidadania alemã e os proibiam de casar ou manter relações sexuais com “alemães ou alguém de sangue alemão”. Na visão nazista, qualquer pessoa que tivesse três ou quatro avôs judeus, mesmo que não se auto identificasse como tal ou não participasse da vida cultural e religiosa judaica, era considerada judia.





Outras regulamentações reforçaram a mensagem. Passaram a ser obrigados a registrar seus bens, no país ou no exterior, já um prelúdio para a expropriação gradual. Da mesma forma, as autoridades nazistas resolveram “arianizar” os negócios, num processo que envolvia a demissão de trabalhadores e administradores judeus, bem como a transferência de companhias, que eram compradas por um preço fixado oficialmente bem abaixo de seu valor de mercado. Entre 1933 e 1938, a “arianização” reduziu o número de negócios de propriedade de judeus na Alemanha em quase 70%.

Entre 1937 e 1938, o governo proibiu os médicos judeus de tratar pacientes não judeus e também revogou as licenças dos advogados. Após a Kristallnacht, judeus passaram a ser barrados

em todas as escolas e universidades públicas, além de impedidos de entrar nos cinemas, teatros e locais esportivos. A legislação antissemita passou a mirar não-somente os direitos civis, políticos e a vida econômica dos judeus alemães, mas também os aspectos mais cotidianos de suas vidas, como os espaços de circulação e sociabilidade.

Em agosto de 1938, as autoridades alemãs decretaram que a partir de 1º de janeiro de 1939, os homens e mulheres judeus que tivessem o primeiro nome de origem “não judaica” deveriam adicionar “Israel” ou “Sara”. No outono de 1938, todos os passaportes judeus foram marcados com a letra “J”. As leis antissemitas na Alemanha e na Áustria preparavam o terreno para perseguições ainda mais radicais.



# 1938: as leis de imigração **no Brasil**

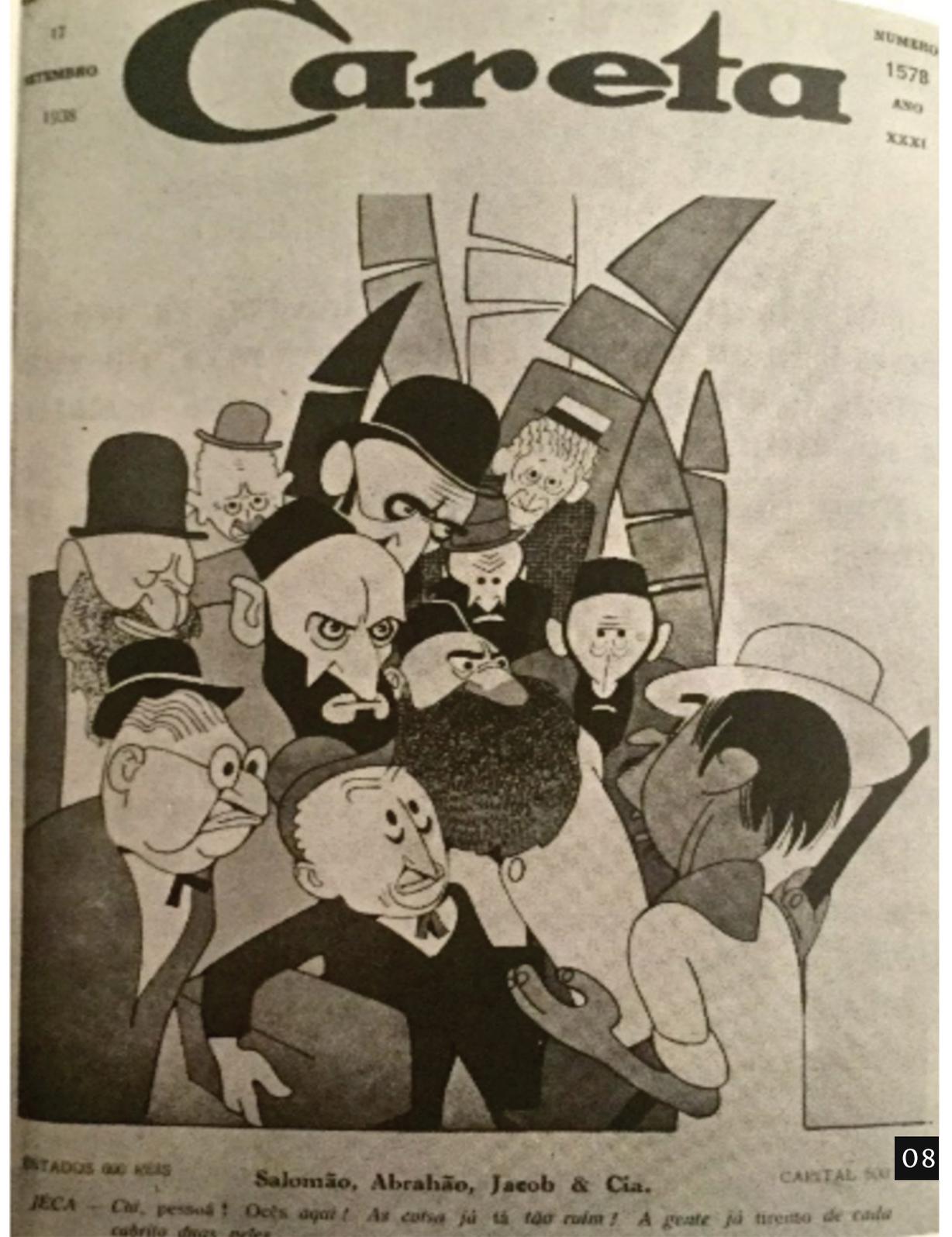
Entre 1937 e 1945, o período do Estado Novo, o panorama político-econômico que se apresentava no Brasil recebia influência das ideias nazifascistas europeias - principalmente do fascismo italiano. Desta forma, persistia um pensamento racista e elitista que promovia a adoção de uma política migratória restritiva a grupos considerados racialmente indesejáveis à formação de uma identidade nacional brasileira. Dentre eles, os judeus.

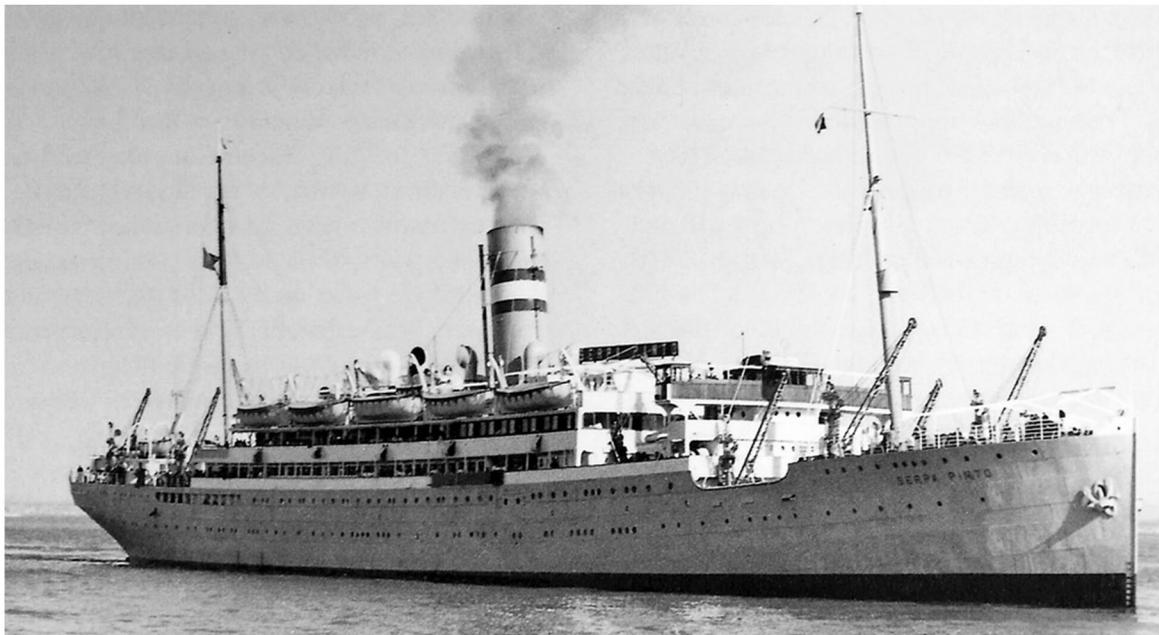
Muitos judeus procuraram o Brasil movidos pelo desespero e pela dificuldade em entrar em outros países. Apegavam-se aos contatos familiares, aos negócios ou à ajuda de associações judaicas internacionais. No entanto, o Brasil tinha oficialmente uma lista de “inimigos da pátria” composta por asiáticos, negros e judeus, estes denominados (de forma equivocada) “semitas”. Estes grupos eram considerados nocivos do ponto de vista racial, étnico, político, social e moral. Nesse contexto, a intolerância

religiosa confundiu-se com a falsa ideia de raça, acobertando interesses econômicos e sociais projetados de forma estereotipada e preconceituosa.

A imigração judaica era essencialmente urbana, o que os tornavam “prováveis concorrentes comerciais” - argumento para uma corrente antisemita junto aos órgãos oficiais. Soma-se o mito que associava os judeus ao comunismo a assombrava as elites brasileiras.

Sendo assim, foram criadas leis e decretos regulamentando a entrada no Brasil dos estrangeiros indesejáveis. Entre 1930 e 1934, limitou-se a imigração e foi criado um regime de cotas. Instituíram-se as cartas de chamada, que eram requeridas por um parente, fazendeiro ou firma que aqui o contratasse. Esta carta seria enviada ao consulado para a obtenção do visto de entrada. Eram dispensados aqueles que transferissem quantia estabelecida de capital para o país, recebendo assim o chamado “visto de capitalista”. Isto gerou





---

um verdadeiro “comércio de falsas cartas” envolvendo autoridades e funcionários do Itamarati e consulados, além da proliferação de agências especializadas que agiam encobertas por repartições federais.

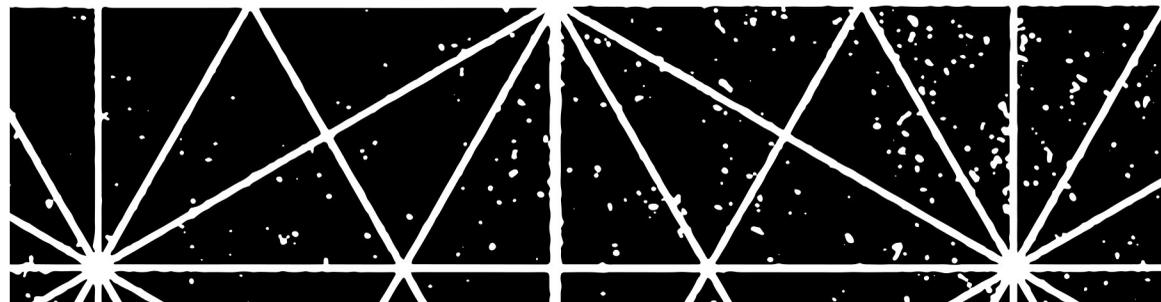
Em maio de 1938, foi promulgado o Decreto-Lei nº 406, que procurava uma “orientação nitidamente favorável à intensificação das boas correntes imigratórias”. Tendo em mente a ideia de um Estado Nacional de uma raça forte, eugenicamente constituída e de uma nacionalidade brasileira, foram estabelecidos critérios para imigração, criando uma triagem que separava normais de anormais e benignos de nocivos.

A partir de 1938, este tema passou a ser visto como uma questão de segurança nacional, um problema político. No mesmo ano, foi criado o CIC – Conselho de Imigração e Colonização, que

examinava a situação dos judeus.

Também foram estabelecidas as Circulares Secretas, que legitimavam tal discriminação por meio de seu conteúdo racista e antissemita. A mais importante circular secreta, de 7 de junho de 1937, proibia a concessão de vistos para pessoas de “origem semítica”, o que causou uma queda de 75% na imigração judaica no ano seguinte.

A denominação das circulares como “secretas” se deu ao fato do país temer uma ruptura de relações com os Estados Unidos, já que a publicação o identificaria com os países aliados de Itália e Alemanha. Assim, em nome da pátria, recorreu-se aos velhos argumentos antissemitas que, encobertos por justificativas diversas, atendiam aos interesses e preocupações de uma minoria comprometida com as relações comerciais e internacionais.



# Peter Ulrich Heynemann

Peter era filho do químico Hans Heynemann (1881-1939) e da oftalmologista Walda Eva Heynemann (1899-1949). Nascido em Berlim em 1928, viveu sob o regime nazista entre os cinco e dez anos de idade – e manteve uma vívida lembrança do que passou antes de sua partida.

Em 1933, os judeus foram atingidos pelo confisco de bens e pelas restrições de trabalho. Hans enfrentava ameaças de denúncias vindas do sócio alemão, que pretendia ficar com a empresa. Peter, mesmo criança, já desejava partir, o que se acirrou depois da Noite dos Cristais.

Hans passou a buscar uma saída. Primeiro, recusou um convite para a Hungria – “quero um oceano entre Hitler e a minha família”. Recebeu, então, um convite para trabalhar no Brasil como químico, numa empresa de produtos odontológicos. Não titubeou.

A família chegou em pleno verão carioca, a bordo do navio Antônio Delfino, em 19 de janeiro de 1939. Acompanhado dos pais e da avó materna, Peter recordava-se de ter dito ao desembarcar: “salvos”.

O pai chegara muito doente ao Rio de Janeiro e viveu aquele único ano no Brasil recebendo cartas de familiares. Sabia serem estas as últimas notícias que viriam dos parentes. Em seguida à morte de Hans, a família mudou-se para os bairros da Glória e de Ipanema, no Rio dos anos 1940. A dificuldade em validar o diploma levou sua mãe a trabalhar como enfermeira. As dificuldades e a responsabilidade por um filho menor e pela mãe idosa contribuíram para sua morte precoce, aos 50 anos, em 1949.

Peter conheceu sua futura esposa no curso de Química da Universidade do Brasil: Mariana Erika Feith, uma sobrevivente tcheca nascida em Praga, que chegou ao Brasil com os pais e a irmã. O encontro foi num baile da juventude comunista, já que ambos tinham uma tradição de militância de esquerda.

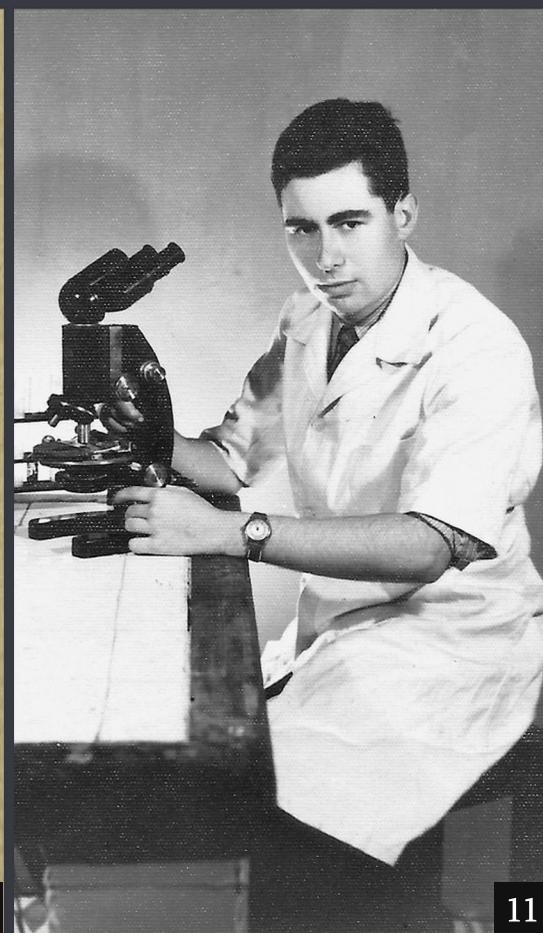
Peter e Mariana tiveram três filhas e quatro netos, residindo sempre na capital carioca. Mesmo adaptado, sempre guardou um elo com a língua alemã. Falava em casa e lia muitos livros, entre os quais os de Thomas Mann, seu autor favorito.

Voltou a Berlim uma última vez, em 1992, um mês antes de falecer. Lá, revisitou os lugares da infância,

passeou de barco no mesmo lago onde seu pai ancorava e foi à rua em que morou.



10



11

# Heinz Cohen

Heinz Cohen nasceu em Hamburgo, na Alemanha, em 06 de junho de 1928. A sua família vivia na rotina própria da classe média da época: o pai, a mãe, a irmã, uma funcionária, a escola, as férias.

Em 9 de Novembro de 1938, Heinz já tinha completado 10 anos. De longe, viu o fogo destruir a sinagoga da sua escola. Mesmo sem entender o que estava acontecendo, sabia que o fato encerrava para sempre sua infância. A Noite dos Cristais deixou estilhaços na maneira de ver, pensar e sentir de um menino. O fogo levou o que chamava de vida normal e familiar para longe dele.

A Gestapo bateu à porta de sua casa em busca do pai. Sua mãe localizou-o no meio de uma viagem e pediu que não retornasse naquele fim de semana. Deste momento em diante, começaram a preparar o plano de fuga. No dia 18 de fevereiro de 1939, junto ao pai, à mãe e à avó materna Helene, Heinz fugiu da Alemanha. Quando chegaram à fronteira com a Holanda, as polícias alemã e holandesa verificaram a documentação e não permitiram

que seguissem viagem. O trem que os levaria acabou indo embora sem eles, que ficaram sozinhos na estação.

Conseguiram chegar à Inglaterra e encontrar outros parentes. Porém, mal sabia Heinz que ele só viria a conviver novamente com sua família sete anos mais tarde. Separado dos pais, foi levado para um albergue, um grande prédio cheio de quartos onde estavam hospedadas crianças como ele, vindas de todas as partes da Alemanha. Mais tarde, foi matriculado numa escola pública inglesa.

Seus pais conseguiram ir para o Brasil, onde também tinham família, enquanto Heinz continuou na Inglaterra. Ele passou a viver na casa de um casal de meia idade, sendo tratado como filho adotivo. Lá, assistiu ao fim da Guerra: as ruas fervilhantes de emoção em Londres, com as bicicletas invadindo bares, teatros e restaurantes.

Em junho de 1945, seus pais escreveram para o tio, que morava na Inglaterra, sobre as providências a serem tomadas para que Heinz pudesse viajar ao Brasil. O reencontro com seus

pais foi emocionante. O jovem, porém, já havia se esquecido do idioma alemão.

Heinz foi trabalhar na Algodoeira Paulista, empresa que também pertencia a um judeu alemão, sendo seu primeiro emprego registrado. Um amigo que o ajudou a aprender o português lhe apresentou ao seu grande círculo de amigos e, em especial,

à Liselott Scheye, que veio a ser sua esposa Lilo.

Casaram-se em agosto de 1953, na sinagoga da Abolição, em São Paulo. Ele e Liselott tiveram três filhos, Ricardo, Sergio e Sandra. Heinz trabalhou na CIP, a Congregação Israelita Paulista, desde 1970, estando entre os mais velhos funcionários. Em 2016, faleceu na capital paulista.



# Henny Nossig

**H**enny-Jutta Nossig nasceu em 14 de junho de 1928 em Stettin, antes Alemanha, hoje Szczecin, na Polônia. Lá, morou até os 11 anos. Em 1934, aos cinco, ingressou na escola pública, já que na cidade não havia uma instituição de ensino judaica. Lá, sentiu as primeiras ações de intolerância, sendo isolada e agredida verbalmente pelo grupo. Em 1938, logo após a Noite dos Cristais, foi proibida a presença de estudantes judeus em escolas públicas.

Na cidade, existiam poucos judeus e boa parte deles partiu para a terra de Israel. Por este motivo, a pequena sinagoga da cidade foi fechada. Nas grandes festas judaicas, Henny e seus pais, Herta e Hubert, viajavam para a casa de familiares na cidade próxima de Schievelbein. Seu avô materno, Wolf Gumpert, tinha um prédio de vários andares e uma grande loja de roupas e tecidos no local. Entretanto, com as ações antisemitas cada vez mais frequentes, foi obrigado a se desfazer do edifício, diminuir a loja e se mudar para uma casa alugada em outra rua.

Durante a Noite dos Cristais, o

estabelecimento de Wolf foi quebrado, saqueado e queimado. O pai de Henny, que trabalhava com o avô, foi preso e levado para o campo de concentração de Sachsenhausen, perto de Berlim.

Hubert permaneceu no campo durante o inverno e, já em 1939, partiu para a Bolívia com um visto obtido pelo irmão, que morava na França. Mais tarde, Henny e sua mãe se juntaram a ele em Socobo, uma colônia alemã agrícola para imigrantes. Embora todos dominassem o alemão, o país proibia que as pessoas falassem a língua e todas as demais relacionadas aos países do Eixo.

Aos quinze anos, Henny foi estudar em La Paz. Lá, em 1951, conheceu seu esposo Robert e, em 1953, mudaram-se para o Brasil. Constituíram família e residiram em São Paulo até seu falecimento, em 2011. Quando questionada sobre sua nacionalidade alemã, Henny costumava afirmar que considerava como pátrias a Bolívia e o Brasil, onde estavam suas raízes e onde nasceram seus filhos e seus netos.



# Ernesto Strauss

Apesar de nascido em Frankfurt, Ernesto viveu até os 3 anos com o pai Paul, a mãe Emma e o irmão Walter em Heldenbergen. Depois, retornaram a Frankfurt, onde seus tios-avós também moravam. A família levava uma vida aparentemente tranquila.

Ernesto tinha 12 anos, mas já podia sentir no ar que algo estava por ocorrer. “Como acompanhávamos as notícias pela BBC, estávamos a par da morte do funcionário da Embaixada da Alemanha, em Paris”. E ele tinha razão. “Naquela manhã acordamos ouvindo muito barulho e sentindo um cheiro forte vindo da rua. Minha mãe me disse que fosse, com muito cuidado, até a casa dos meus avós para ver o que estava acontecendo. Assim, cautelosamente, saí do prédio onde morávamos e voltei duas horas depois, assustado com o que vira”.

Ele avistou membros da Gestapo prendendo judeus nas redondezas. Homens, mulheres e idosos sendo espancados e insultados, sem qualquer ajuda dos transeuntes. Lojas saqueadas, móveis atirados pelas janelas, sinagogas incendiadas e livros

religiosos rasgados, queimados e espalhados pelas ruas.

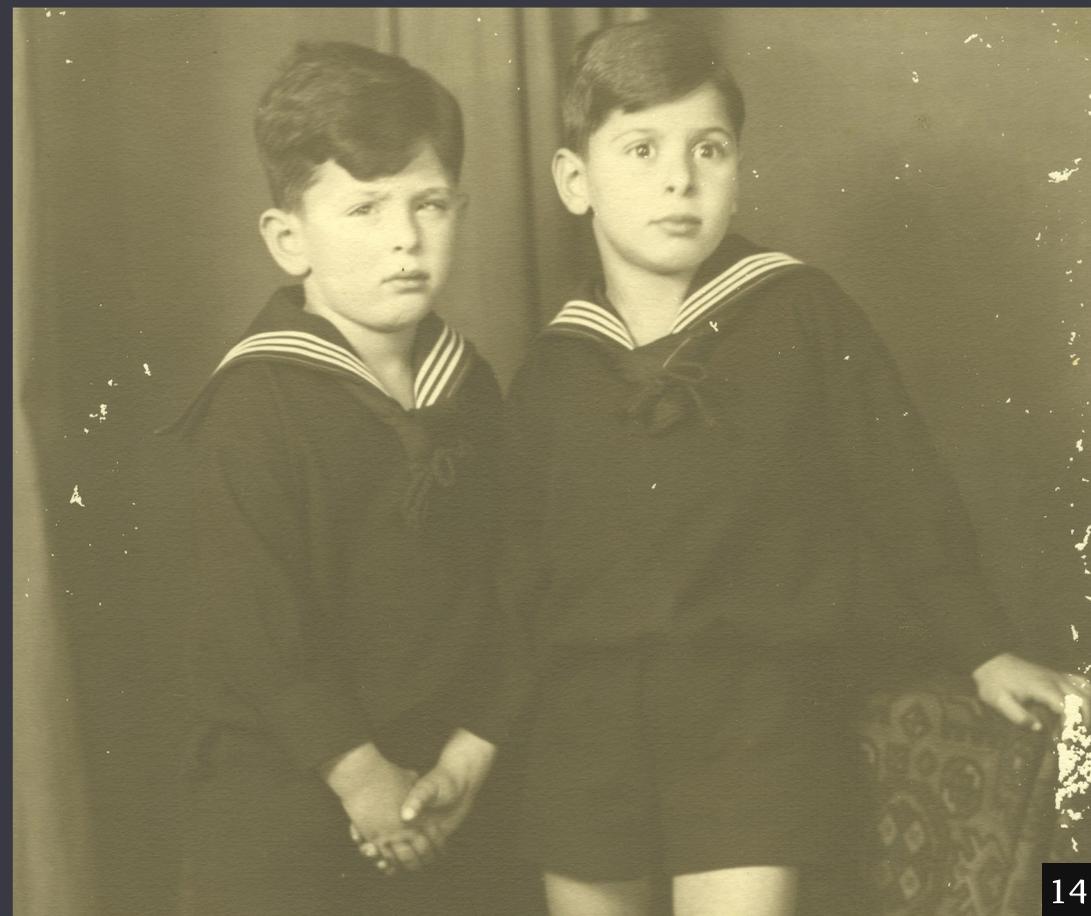
Quando retornou, deparou-se com dois homens da Gestapo batendo à porta. “Eu vi o meu pai ser preso e levado, ninguém sabia para onde, sem poder fazer nada. Fiquei apenas olhando e, em seguida, peguei a minha bicicleta, saí pelas ruas e fui até a sinagoga. Ao chegar lá, também fiquei muito assustado: havia dezenas de pessoas isoladas no pátio do edifício, elas não podiam sair nem reagir sob o risco de apanhar mais ainda. Deviam ficar quietas enquanto viam o fogo se espalhar, os vidros quebrarem, os gritos aumentarem...”.

Paul foi levado para um estádio onde estavam sendo colocados todos os detidos. Do local, foi enviado para o campo de concentração de Buchenwald, onde ficou por 30 dias. Ele foi solto porque comprovou ter sido condecorado, no passado, com a Grã-Cruz de Ferro. Quando o libertaram, Paul estava em péssimas condições de saúde. Ao retornar para casa, disse o que todos já intuam: “não seria mais possível continuar na Alemanha. Quem quisesse viver, teria que

partir o mais breve, antes que fosse tarde demais”.

Em 7 de Maio de 1939, a família embarcou no navio Cap Arcona para o Brasil, encontrando Paul em Southampton. Chegaram

ao Brasil e estabeleceram-se em São Paulo. Em 1941, conseguiram trazer Marianne, avó materna de Ernesto. Ele hoje vive em São Paulo, assim como o irmão Walter.





15

## Intolerância Religiosa **no Brasil**

A liberdade religiosa no país é garantida pela Constituição Federal de 1988, com destaque para o artigo 5º, inciso VII. Ele aponta o livre direito a escolha e exercício de qualquer crença, sem qualquer imposição estatal, se originando no Estado democrático de direito, bem como em sua laicidade. Desta forma, a intolerância religiosa é caracterizada pela não-aceitação à religião ou crença de outro indivíduo. Tal atitude se manifesta desde as críticas em âmbito privado, às piadas, agressões verbais e físicas, ataques aos locais de culto e até ao assassinato.

A intolerância religiosa no Brasil institucionalizou-se com a chegada dos portugueses. Como não admitiam nenhuma religião que não fosse a católica, as crenças dos indígenas passaram a ser vistas como maléficas e, portanto, desprezadas.

Com a chegada dos negros escravizados, a mesma atitude se repetiu. Para escapar da perseguição dos senhores e do clero, eles usavam as imagens dos santos católicos em suas cerimônias, quando na verdade estavam cultuando seus orixás. Assim começou a relação entre o sincretismo e as religiões afro-brasileiras. Perseguidos pelas autoridades, os praticantes das religiões de matriz africana deviam esconder-se ou

suportar invasões e penas de prisão. Apesar da Constituição Federal garantir o direito à liberdade de credo e manifestações religiosas, praticantes da Umbanda e Candomblé – principais vítimas do preconceito – lidam, ainda hoje, com ofensas e agressões de diversas naturezas.

Com o crescimento da diversidade religiosa no Brasil, verificou-se um crescimento da discriminação também. Criou-se o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, 21 de janeiro, por meio da Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007, como um reconhecimento oficial da existência do problema. Após 18 anos da morte da ialorixá Gildásia dos Santos e Santos, o Brasil ainda é cenário de intolerância e perseguição às religiões de matriz africana.

Há 15 anos, a luta pela liberdade e diversidade de credos e religiões é pauta da agenda do Governo do Brasil. Em 2013, o esforço foi consolidado pelo lançamento do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana. Por meio deste, são promovidas campanhas informativas, capacitações em elaboração de projetos, entre outras.

A intolerância religiosa e o racismo são crimes e podem ser denunciados pelo Disque 100. As estatísticas mostram que o canal recebe uma denúncia a cada 15 horas.



# Legendas e Créditos das Imagens

## CAPA

- "Night of the broken glasses". The Holocaust Art Exhibit. Judith Dazio.

1

- "Kristallnacht". Ilustração Nate Ripp. Los Angeles, Estados Unidos. cargocollective.com/thenateripp/filter/illustration/Witness

2

- "From Leben? Oder Theater? Ein singspiel – Kristallnacht". Charlotte Salomon. 1940/1942. Charlotte Salomon Foundation, Jewish Historical Museum.

3

- Yineth Manzol (lenço azul na cabeça) e outros venezuelanos observam os restos de objetos que foram queimados por moradores de Pacaraima. Avenir Prado / Folhapress. 18 de Agosto de 2018.

4

- Entrada de loja em Berlim, Alemanha. 11 de Novembro de 1938. Keystone-France / Gamma-Keystone via Getty Images.

5

- Ober Ramstadt, Alemanha. 10 de Novembro de 1938. United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives.

6

- Edição do jornal de propaganda antisemita Der Stürmer. A manchete diz "Os judeus são o nosso infortúnio". Worms, Alemanha, 1935. Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

7

- Cartaz "Proibida a entrada de judeus no parque", escrito em alemão e em polonês. s/d. Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão

8

- "A casa da mãe joana" (lê-se: Jacob- Entra pessoal! Ele ainda continua a olhar para o outro lado). Revista Careta. Rio de Janeiro, 1938.

9

- Navio Serpa Pinto. Companhia Colonial de Navegação. Divulgação.

10

- Identificação de Peter Ulrich Heynemann no passaporte de sua mãe, Walda Eva Heynemann. Berlim, 05 de Dezembro de 1938. Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras – RJ. Processo 302.615, 1946. Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

11

- Peter Ulrich Heynemann no laboratório da Escola Nacional de Química. Rio de Janeiro, 1950. Fotografia não identificado. Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

12

- Registro Nacional de Identidade de Heinz Cohen, 1130570. Londres, Inglaterra. Julho de 1946. Arqshoah-Leer/USP.

13

- Visto chileno de Henny Nossig. Gênova, Itália. 15 de Fevereiro de 1940. Arqshoah-Leer/USP.

14

- Ernesto e Walter Strauss. Presenciaram a Noite dos Cristais ao lado do pai Paul (que foi preso em Buchenwald) e da mãe Emma (Heilmann). A família chegou ao Brasil em 1939. Frankfurt, Alemanha. Década de 1930. Museu do Holocausto de Curitiba. Cessão Ernesto Strauss.

15

- No Mundo das Umbandas. nomundodasumbandas.com.br/2015

16

- Ludwig Meidner. Ilustração. 10 de Novembro de 1938. Yad Vashem – Photo and Filme Archives.

17

- Tela "Kristallnacht". Oléo sobre tela. Roman Sotnikov.

## Bibliografia Consultada

- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Anti-semitismo na era Vargas: Fantasmas de uma geração (1930-1945). São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- EVANS, Richard. O terceiro Reich no poder. São Paulo: Planeta, 2014.
- FRIEDLÄNDER, Saul. A Alemanha Nazista e os Judeus, volume I: os anos da perseguição. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- GILBERT, Martin. A noite de cristal: a primeira explosão de ódio nazista contra os judeus. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- Lerner, Silvia Rosa Nossek. A música como memória de um drama: Holocausto. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.
- LESSER, Jeffrey. O Brasil e a questão judaica: imigração diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- MILGRAM, Avraham; ROZETT, Robert. O Holocausto - as perguntas mais frequentes. Jerusalém: Yad Vashem, 2012.
- NACHAMA, Andreas; SCHOEPS, Julius; SIMON, Hermann. Jews in Berlin. Berlim: Seemann Henschel, 2003.
- SHIRER, William L. Ascensão e Queda do Terceiro Reich. 2 volumes. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.
- VARIKAS, Eleni. A escória do mundo: figurações do pária. São Paulo: Editora Unesp, 2014.





# Créditos do material

Tudo está em chamas: 80 anos da Noite dos Cristais

## Realização

- Associação Casa de Cultura Beit Yaacov
- Museu do Holocausto de Curitiba
- Miguel Krigsner  
*Presidente*

## Coordenação-Geral

- Carlos Reiss

## Coordenação Pedagógica e Concepção Curatorial

- Denise Weishof

## Coordenação de História

- Michel Ehrlich

## Concepção de Arte

- Fabio Bueno

## Textos

- Denise Weishof
- Luzinete Falavinha
- Michel Ehrlich

## Coordenação Museológica

- Fernanda Motta Nunes de Souza

## Coordenação Administrativa

- Jaime Ingberman
- Eloiza Vasconcelos

## Coordenação de Comunicação e Redes Sociais

- Laura Nicolli

## Créditos especiais

- *Bundesarchiv Berlin*  
Arquivo Federal Alemão

## Agradecimentos

- Alan Barg, Avraham Milgram (*Tito*), Ernesto Strauss, Judith Dazzio, Maria Lucia Voitech Neumann, Nate Ripp, Roman Sotnikov

|Produção  
Novembro de 2018.

